

Editorial [PT]

por **Fábio Candido dos Santos**

fahbio@msn.com

DOI: 10.12957/ek.2020.55563

A questão da técnica se impõe, hoje, como um dos grandes desafios da humanidade. Em todos os cantos do planeta e nas mais diversas possibilidades e manifestações culturais, o ser humano contemporâneo se encontra perigosamente sob o jugo do aparato técnico. Seja voluntariamente – por meio do fascínio operado pelas telas no cotidiano –, seja involuntariamente – a partir da maquinaria do trabalho –, a humanidade se deixa dominar pela vontade técnica. Este cenário, resultado da radicalização da lógica capitalista do pós-guerra do século XX, subtrai do ser humano a prerrogativa que o *lógos* lhe concede em meio ao real para torná-lo mero instrumento de uma tecno-logia cujo interesse não é o de melhorar a vida, como já alertava Marcuse, mas o de explorar e controlar os entes – a natureza, principalmente – em escala global para a reprodução contínua do capital. No século XXI, e com o desenvolvimento da internet, manifestação sutil e, portanto, mais potente do aparato tecnológico, a situação se aprofunda e o ser humano, outrora *poietés* e posteriormente decaído em instrumento, se torna ele mesmo, por fim, produto do capitalismo de vigilância exercido pelas gigantes de tecnologia do Vale do Silício. A humanidade, resumida a um conjunto de dados manipuláveis, se entrega em holocausto à divinização da técnica e vê o meio ambiente se deteriorar como mero campo de exploração desertificadora, pondo em risco não só o ser do ser humano, mas a própria espécie humana. Os efeitos mais imediatos deste contexto são o esgotamento dos recursos naturais, a crise ética, uma vez que o indivíduo não age mais por si e para si, mas segundo a agenda de um sistema invisível que o consome para se manter e, por fim, mas não menos importante, o colapso político a partir do direcionamento planetário de tendências contrárias à vida em comunidade. Não é este sombrio cenário que se observa hoje mundo afora?

Motivada por esta conjuntura, a *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia* traz um dossiê que se pretende ser uma reflexão acerca do momento ao

mesmo tempo árido e obscuro pelo qual passa a humanidade sob o domínio planetário da técnica. Intitulado *Técnica, tecnologia e comunicação: desafios da hermenêutica contemporânea*, a coletânea de artigos do nº 2 do volume 9 da *Ekstasis* se apresenta como uma oportuna contribuição à discussão em torno dos efeitos da técnica bem como da possibilidade de superação de sua operação. Complementando o dossiê, esta edição ainda conta com artigos de temática livre (no escopo da revista), uma tradução e duas resenhas.

O dossiê é aberto pelo artigo – em versão bilíngue – *Martin Heideggers Festrede Gelassenheit: die Frage nach dem Wesen der Technik und dem Denken des Menschen*, de Alfred Denker. O escrito problematiza a técnica a partir do discurso *Serenidade*, proferido por Heidegger em 1955, e toma por base a distinção elaborada pelo filósofo entre o pensar meditativo e o calculador, colocando em questão a posição mesma do ser humano na totalidade do ente e revelando a técnica como uma forma de reivindicar o indivíduo e uma transformação de sua essência.

Em seguida, Alexandre de Oliveira Ferreira, em *Técnica, liberdade e vontade em Heidegger e Cassirer*, confronta as posições de ambos os pensadores acerca da questão-tema e de sua relação com a vontade diante da ameaça que impõem à liberdade. Enquanto Cassirer crê que a técnica deva ser ressignificada, sendo posta a serviço do ser humano para que este seja livre, Heidegger, ao contrário, vê o abandono da vontade, via *Gelassenheit*, como única possibilidade de liberdade, além de criticar a posição do conterrâneo, entendendo-a como mais uma manifestação da vontade de vontade, ou seja, da própria técnica metafisicamente organizada.

Na sequência, em *Heidegger e a técnica como acabamento da metafísica e a possibilidade de um novo início*, mostro, a partir do autor de *Ser e tempo*, como a técnica se dá como manifestação da vontade de vontade, que uniformiza e esgota o real ao tomá-lo por mera disponibilidade ao mesmo tempo em que transforma o ser humano – sobretudo via trabalho e entretenimento – não mais em instrumento, mas em *produto* de sua lógica. O texto, seguindo Heidegger, defende que uma saída deste cenário se encontra na possibilidade de irrupção de um *acontecimento* ao qual o homem deve estar aberto e cuja culminância se realiza na recondução do técnico ao *poiético*, isto é, ao sentido originário do produzir, revelando um *novo início* para a história do ser.

Já Carlo Arturo Zarallo discute, em *Ontología relacional: una herramienta para superar la imagen de mundo*, e tendo por base um estudo de *A época da imagem de*

mundo, de Heidegger, como uma incompreensão sistêmica do fenômeno de mundo levou ao esquecimento do ser e à consequente hegemonia da técnica.

Fechando o dossiê, *Entre dois modos de ser da linguagem: o homem da modernidade de Foucault*, Fabio Henrique Medeiros Bogo, partindo de *As palavras e as coisas*, mostra que a relação do ser humano com a finitude determina o *modus operandi* moderno de produção do saber, cuja diretriz intencional se dá ainda no sentido de uma mesmificação do que é outro e, por isso mesmo, se torna fonte de angústia.

A parte complementar da *Ekstasis*, dedicada aos artigos de fluxo contínuo, inicia-se com um diálogo entre *Fenomenologia hermenêutica e psicologia experimental do desenvolvimento*, empreendido por Róbson Ramos dos Reis. O fenômeno da imitação neonatal diferencial é o campo escolhido pelo autor para a supracitada colaboração bilateral, e ambiciona, como resultado, promover o esboço programático de uma fenomenologia desenvolvimental da compreensão de ser.

Dando prosseguimento à discussão fenomenológica, mas em outro domínio, Sergio González Aranceda se propõe apresentar em *Edmund Husserl y Jean-Paul Sartre: apuntes sobre conciencia de imagen, fantasía e imaginación*, o sentido intencional que o pai da fenomenologia concede a tais conceitos e, com isso, as falhas da proposta husserliana, com destaque para aquilo que Sartre chamou de *hylé* da imagem.

Em seguida, Paulo Henrique Lopes discute *O riso contido entre o tabu e o sagrado: um estudo de caso sobre o status contemporâneo do cômico enquanto critério hermenêutico do religioso*. Fruto do estudo de caso da polêmica em torno do especial de natal *A primeira tentação de Cristo* (2019) do grupo humorístico Porta dos Fundos, o texto investiga, por meio de uma fenomenologia aplicada, como o indivíduo se comporta quando a sua religião é abordada comicamente. O resultado, que articula fé e riso, se dá em quatro “camadas” investigadas a partir de Baudelaire, Freud, Bergson e Eliade.

Na sequência, em *A crítica de Heidegger ao primado da lógica e o caráter científico-primordial da filosofia*, Lucas de Lima Cavalcanti Gonçalves e Rogério Galdino Trindade analisam como o jovem Heidegger concebe a tarefa da filosofia entendida como ciência primordial e de que forma o pensador não a vê partindo de uma atitude teórica, mas, antes, das “coisas mesmas”, em uma atitude de escuta compreensiva da imediaticidade da vida.

Já Petra Bastone, na perspectiva da psicanálise, se questiona sobre o *Ser mulher segundo Freud: um caminho para a feminilidade?* O questionamento, que, não raro, põe a teoria freudiana em embaraço, é elaborado no artigo por meio do estabelecimento de uma “conversa” (ainda que conflitante) de Freud com dois expoentes do feminino – Judith Butler e Simone de Beauvoir – na tentativa de se articular diferentes concepções do “ser mulher” na obra do pai da psicanálise.

O último artigo de temática livre desta edição, de autoria de Rildo da Luz Ferreira, tematiza *Tempo e liberdade na filosofia bergsoniana* e defende, a partir do pensador francês, a tese de que a compreensão de que o tempo não é espacializado, mas, antes, pura duração – um fluxo contínuo no presente com a memória do passado e a antecipação do futuro no domínio da consciência – é o único caminho para a liberdade.

Encerrando esta edição, duas resenhas. A primeira, elaborada por Elizângela Inocência Mattos, versa sobre *La sexuation du monde: réflexions sur l’émancipation*, texto de Geneviève Fraisse, enquanto o segundo, *Do corpo como objeto ao ser no mundo: sobre o primeiro capítulo da primeira parte da Fenomenologia da percepção de M. Merleau-Ponty*, de autoria de Dani Barki Minkovicus, trata do referido trecho da obra máxima do filósofo francês.

Boa leitura a todos!

